



*jornal de letras, artes e ideias*

XI n.º 485 • De 31 de Dezembro de 1991 a 7 de Janeiro de 1992 • 140\$00 • Semanário • Director José Carlos de Vasconcelos • Director adjunto Luís Almeida Martins

O triunfo  
do Barroco

Texto de  
Coimbra Martins



GRANDE EXPOSIÇÃO

# REMBRANDT OPERA OMNIA

Artigos de France Huser, Pierre Soulages e Rogério Ribeiro

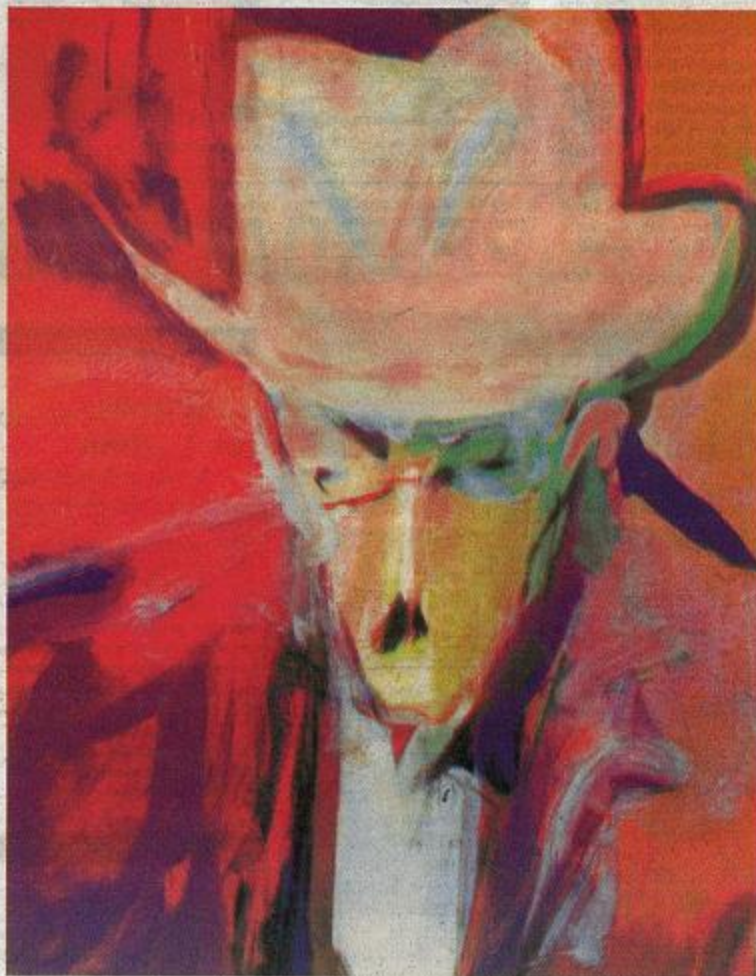
EM ENTREVISTA A JOSÉ BLANCO

# FERNANDO PESSOA

# FALA DA EUROPA

... e em entrevista a Jorge Listopad fala do último livro de Tabucchi

6/9



As Memórias de Humberto Delgado lidas por Fernando Piteira Santos 12 • Poesia e alquimia, por Carlos



# Eliezer e Fernando

Alessandro Dell'Aira

**H**Á DIAS RECEBI pelo correio «Eliezer», um romance impresso de fresco que durante uma semana, dentro de um pequeno envelope alforçado, viajou a pagamento de Itália até Lisboa, onde chegou — ou melhor — regressou aos 10 de Dezembro de 1991.

«Eliezer» é um presumível romance de Fernando Pessoa, e de algum modo — mas quase ao certo — uma criatura sua. Nestes dias, na Europa e sobretudo em Portugal e Itália, muito se fala acerca dele. Na Itália, porque foi aí traduzido do inglês, publicado por Amina di Munno para o editor romano Lucarini, a tempo para este Natal de 1991. Em Portugal, porque a notícia da sua publicação suscitou espanto, curiosidade e uma amável mas glacial intervenção da Equipa Pessoa. «Dezenas de milhares de papéis», assinala Di Munno, entre os quais, em três envelopes, estavam guardadas as mais de 300 páginas dactilografadas: 324 originais — afirma Amina di Munno; 322 cópias químicas de outras tantas páginas originais, provavelmente escritas «pessoalmente» com quatro máquinas diferentes e de certo anotadas do punho de Pessoa — frisou a Equipa. Outro elemento de ressonância italo-portuguesa — sem dúvida do agrado do editor: a cada um do seu ofício — deve-se às intervenções dos especialistas italianos que, ao escreverem sobre «Eliezer» se expuseram e sucederam nas páginas dos principais jornais diários nacionais.

O romance conta das narrações das muitas aventuras — sequencialmente ordenadas mas cronologicamente precárias — de uma volta ao mundo realizada pelo jovem Eliezer ao longo de dez anos, de 1903 a 1913. Não obstante o tímido e misterioso «se» de Amina di Munno, as vicissitudes contadas no romance são identificáveis com as aventuras do judeu Eliezer Kamenezky, nascido em Lugansk em 1888 e falecido em Lisboa em 1957. Sua primeira provável ocupação de adolescente fugido da escola: aprendiz de fotógrafo em Bakhmut. Ekaterinoslav, Rússia czarista. E vem-me à cabeça o fantasma do pintor italiano Segantini jovem. Sua última apaguizante e segura profissão: proprietário de um *bric-à-brac* em Lisboa. E não sei o que pensar, ou melhor, penso na confidência que me foi feita por um amigo português, requintado alfarrabista que de Eliezer guarda duas lembranças pessoais: os «Poemas», de Kamenezky — «Alma Errante», Lisboa 1932 — com prefácio de Fernando Pessoa e dedicatória do autor a Umberto II de Sabóia, um livrinho bonito que um cliente infiel lhe retirou do escaparate: e um Kamenezky anuquário em carne e osso, que nos anos 50 lhe queria impingir um pires de prata (mas que, segundo o meu amigo, era de lata). Um

outro, corre-se o risco de picar as frases do texto com aqueles expo-nenciais que desencorajam os pres-bitas e os impacientes. De qual-quer modo, é uma grande sorte para os responsáveis da edição e um quebra-cabeças para os leitores, que compram os livros e que, é suposto, não se divertirem com as notas à margem. E não aprendem nada.

Há até ingredientes a mais para os amantes de policíacos. Nestes enredos, que importância pode ter um envelope alforçado contendo o «Eliezer», de Fernando Pessoa por Amina di Munno. Roma, Novembro de 1991, que viaja às arrecuas de Itália até Portugal?

Confesso ter viajado a noite toda nas páginas de «Eliezer» envolvido no lençol com o frenesim do protagonista, procurando com pouca sorte vencer a insónia. Nas mãos «Eliezer» e o lápis, em cima da mesa de cabeceira o «Nocturno Indiano», de Antonio Tabucchi, aberto na página 7, com a citação em epígrafe de Maurice Blanchot: «As pessoas que dormem mal parecem ser mais ou menos culpadas: o que fazem? Tornam a noite presente.»

Li a «Premessa» de Amina di Munno. Li a «Nota del Curatore» (a.d.m.), ignorando a antiga máxima que aconselha deixar para o fim a leitura das premissas e das notas. Depois preocupei-me, por não ter encontrado, além da «Nota del Curatore», as notas à margem. A verdade é que as notas à margem já não se usam. Supõe-se que tornem o texto maçudo. Por um lado, há o fascínio-álibi e uma certa demopedagogia da obra aberta; por

outro, corre-se o risco de picar as frases do texto com aqueles expo-nenciais que desencorajam os pres-bitas e os impacientes. De qual-quer modo, é uma grande sorte para os responsáveis da edição e um quebra-cabeças para os leitores, que compram os livros e que, é suposto, não se divertirem com as notas à margem. E não aprendem nada.

## Honesto livro para a juventude

De «Eliezer» já foi dito (Luciana Stegagno Picchio) que é um honesto livro para a juventude. É verdade. Muito bem dito. Mas este romance parece-me um pouco desarticulado. Por exemplo: um dos tantos piroscafos do Eliezer clandestino ancorou em 1910 ao largo de Messina, esplêndida e florescente «antes que o devastador terramoto atingisse toda a região» (data absoluta: 28 de Dezembro de 1908); enquanto em 1913, numa colónia da Judeia, chega a notícia tempestiva da proclamação da República em Portugal (data absoluta: 5 de Outubro de 1910). O que pensar? É um deslize parcial de dois ou três anos no fio da memória de Eliezer que escapou ao próprio Fernando Pessoa? A minha curiosidade luta contra o sono, enquanto os pés tormentam

o lençol. Se houvesse uma nota... vem-me à cabeça: mas, realmente, não houve «preocupação» de esclarecer a diferença entre o «Livro do Desassossego» do semi-heterónimo Bernardo Soares e as aventuras deste anti-Pessoa, inson-sas quanto baste e claramente ordenadas em sequência, com algumas falhas, de capítulo em capítulo?

Nada há de analógico, de atemporal, a não ser que Amina di Munno entenda a atemporalidade como a ausência quase total de referências absolutas (excepto: «o mar estava calmo. Era Outubro de 1908», frase providencial para mim que estou com sono e a perder o fio à meada; ou «Fizemos escala em Lisboa... Estávamos em 1912»). Se se excluirmos alguns lapsos espaço-temporais — Messina e a Judeia são flagrantes — a cronologia relativa, em «Eliezer» é um esquema fixo, um *continuum* que, com mais calma, permitirá remontar ao projecto de Fernando Pessoa «tradutor» do seu «Eliezer», transcritor a quente das confissões dele, intérprete e «transcritor» das memórias dele e «se dele, através do incolor personagem de Sarah, a linda italiana que na praia de Paquetá atormenta o pobre vagabundo que tem sono e não tem muita vontade de se contar, e obriga-o a revelar, a escrever na areia o seu passado de hippy precoce. Portrás de Sarah-Pessoa, linda e cruel, esconde-se um dactilógrafo psicanalista que permanece acordado alguns em Lisboa no princípio dos anos 30, sentado atrás de um Eliezer Kamenezky, que conta de si, deitado em forma de ele numa namoradeira (o incómodo assento em ângulo, instrumento de tortura que obriga os namorados a roçar os joelhos e negar qualquer outro contacto). Sarah-Pessoa é um interlocutor não directivo, que transfunde em tempo real o português básico do amigo para inglês básico, facilitando — quem sabe — com discretas palavrinhas afirmativas — pois, pronto —, enquanto acaricia o teclado e traduzindo transcreve — ou «traduz»? ou «interpreta»? — as confissões de um outro, por amizade, por mera curiosidade, por dinheiro; mas, de qualquer modo, sem inquietar-se, fixa-as, anota-as e, deixa os retoques para amanhã.

## Coincidências

Assim, por baixo do lençol e com alguma neblina nos olhos e na mente, compreendo as lacunas (...) dos primeiros capítulos. E penso num Fernando que se regozija com a coincidência: também Eliezer nasceu em 1888, ao almejado em que, segundo Pessoa, se cumpriram as profecias do sapateiro Bandarra, ano do nascimento do supra-Camões, do super-Camões, provocatoriamente ele mesmo — Fernando Pessoa, nascido em Lisboa, aos 13 de Junho de 1888, dois meses depois de Eliezer Kamenezky ter vindo ao mundo a milhares de quilómetros de distância, aos 4 do mês de Abril de 1888.

Esta é uma hipótese já avançada por Yvette Certeno, uma estu-

diosa atenta dos inéditos pessoais que, à margem da Equipa de Lisboa, trabalha com método científico e extrema modéstia, ocupando-se e também preocupando-se em não fazer estragos enquanto não sair a edição crítica pessoana. É uma hipótese, hoje em dia, muito útil, para pôr sob a justa luz — ou alucinação — a relação entre os dois coevos do ano de 1888: ao misterioso, cabalístico, vaticinado pelo velho Bandarra como o ano do renascer de Portugal, perenemente à espera do regresso de D. Sebastião, que na altura errada perdeu uma justa guerra, tornando vãos «Os Lusíadas», matando de desgosto Camões e entregando o glorioso trono de Portugal a Filipe II de Espanha.

A investigação material sobre os documentos já veio a desmentir algumas antecipações. Na arca de Pessoa, como já se referiu, há apenas uma cópia química escrita com quatro máquinas diferentes; e não é lícito afirmar mais nada, até quando não estará disponível a edição crítica de toda a obra pessoana. Entretanto, «Eliezer» pode ser provisoriamente definido como uma honesta, messiânica volta ao mundo no *boat's*, uma prenda singela para os jovens, com a condição, como sugeria Thomas Mann, que eles se armem de lápis à procura das coordenadas, neste caso — e noutros não — a História e a Geografia, disciplinas que Eliezer confessa a Sarah-Pessoa ter tanto amado nos tempos de estudante antes de ser corrido da escola. Nele descobrirão os jovens coisas mais divertidas do que as que se encontram em certos livros de História, que quanto mais maçudos, mais chatos, mais úteis se tornam para efectuar operações sobre o nada.

Fecho o livro com o alívio de quem entra num porto deixando atrás o mar agitado. Mas antes, ao descerregá-lo em cima da mesa de cabeceira, ao lado do «Nocturno Indiano», de Tabucchi, dou uma vista de olhos à contracapa. Na breve ficha biográfica de Pessoa encontra-se a solução do policial: é, como de costume, a previsível, tragicómica gralha de última hora — heterónomos em vez de heterónimos. Aqui temos (talvez) a chave: um Fernando dactilógrafo, um Eliezer sujeito heterónimo, que nas entrelinhas usa figuras de estilo («as tempestadas da vida», cap. XX); fórmulas (o clube dos «senhores da terra», cap. X); enunciados de Fernando, como é o caso da ideia-chave do prefácio à «Alma Errante» (cap. XIV): «Os judeus cindiram-se em dois grupos: os tradicionalistas que... esperavam simplesmente a chegada do Messias, e estes últimos pareciam-me pessoas realmente retrógradas; e os espíritos avançados, que procuraram de todas as maneiras aquelas suas aspirações que apenas quem não tem pátria pode entender.»

«Eliezer» cai-me das mãos. Uma estudante portuguesa, filha de emigrados na América regressados há pouco à Europa, confessou a um jornalista de «O Público» ter achado muito difícil estudar História na escola: «Em Portugal é tudo reis e guerras, enquanto na América é tudo a mesma coisa.»

Boa noite Eliezer. Boa noite, Fernando.

Fernando Pessoa ■ Eliezer ■ por Amina di Munno, Lucarini.



do da «Mensala se propõe, iação racional, eróis, o senhor o portuguesa o he terá impor- n Mensagem dear através dos os redentores,

que se pode renovação e a nacional. De com o mesmo natingível. O rta-lo ou con- á com tanto npenetrar da nito sebastia- rtuguesa. que criar um s embebedar zito isso, cada o se derrama- essemos, e a como nós, o meno impre- i Criação do Rei D. Sebas-

e comentador ao presidente iras» aos seus gem» não são ta...

sa será qual- ca, ao mesmo ga da actual ia deve distar matéria reli- formais, em smo radicais i nossa gran- ão existe no ss sonhos são e a obra dos realizar-se-á

mos para esta ivesse conse- e sugerido a essa persona- sado a dedi-

mais primei- o conseguiu. l; por meu o também, ao ite dos entes, trei, Senhor, Senhor, esse ma na invo- as. (2)

, contradição lo contrário, a animou, do o especifica- y portuguesa, quente e seis guiu.

a sua mesa sempre re-

de tudo, de uando por al

se ouviu nesta cujo talento de ue se impunha, m nome desse II e III da Obra , Porto, 1986).

, 304; (1) II, p. III, p. 702; (1) 53-954; (1) III, (2) III, pp. 703- Maria Aliete 960). O trecho \* Teresa Sobral

304; (1) II, p. III, p. 702; (1) 53-954; (1) III, (2) III, pp. 703- Maria Aliete 960). O trecho \* Teresa Sobral

F d

Jorge

— L  
— L  
um livro  
— E  
— S  
tónios e  
ele não  
lúcido q

— M  
— E  
— F  
julga. E  
Lisboa,  
no livro  
símbolo  
— A  
O simula,  
dro, que  
— ?  
— V

é o adeu- tugal não Lisboa, Cidade mesmo Lisboa, Ou conh Sempre me sobr creio de